

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : 06/br

CLASS. : 694

DATA : 06 02 91

PG. : 04

Caiová fazem antigo ritual para acabar com os suicídios na aldeia

LUCIA TORIBIO
Enviada Especial

DOURADOS, MS — A comunidade caiová da Reserva Indígena de Dourados começou, na noite da última segunda-feira, os rituais para espantar os espíritos da morte e da destruição, que os índios acreditam serem a causa dos suicídios entre os jovens da aldeia. Enquanto a família Ramirez velava o corpo de Maura, a índia de 15 anos que se suicidou na tarde do último sábado e foi enterrada na alvorada de ontem, o Nhanderu (o homem que fala com o Deus Nhandejara, o "dono de todos", segundo a tradição indígena) Galeano, trazido do Paraguai, celebrava o "porakey", a reza cantada e dançada pelos povos guaranis.

Os caiová da Reserva de Dourados recorreram a Galeano no final do ano passado para ajudar a conter os suicídios dos jovens. Há pelo menos duas gerações não se formam Nhanderus nas aldeias brasileiras. O último rezador de Dourados foi Cância Spindola, que morreu em 1981 com 115 anos. O sacerdote paraguaio, por sua vez, já havia curado, com suas rezas, uma aldeia, no país vizinho, abatida por uma onda de mortandade de jovens semelhante à que está



Telefoto de Ricardo Stuckert

O ritual dos índios caiová, para afastar da aldeia os espíritos destruidores

ocorrendo atualmente na Reserva de Dourados.

Em 1979, segundo a psicóloga da Funai Maria Aparecida Costa Pereira, numa comunidade de 50 índios caiová paraguaios, ocorreram nove suicídios de jovens quase que simultaneamente. Nesta época, Galeano e seu auxiliares Neri e Santiago, que também estão em Dourados, prestaram auxílio espiritual àquela comunidade e os suicídios, segundo ele, pararam.

Na primeira consulta a Galeano, os índios de Dourados receberam a informação de que dois elementos vivos (pessoas, plantas ou animais) haviam quebrado a harmonia da comunidade, que estava sem proteção de rezadores e, por isso, fora abatida pelos maus espíritos. Para começar as rezas, no entanto, era necessário preparar o lugar sagrado, que há muitos anos já não existia na Reserva. O "porakey", segundo a tradição guarani, de-

ve ser realizado na "ogapyssi", a casa grande, coletiva, destinada aos rituais religiosos.

A Funai decidiu, então, apoiar a construção da "ogapyssi", uma enorme estrutura de bambu revestida de palha. Mas, segundo o antropólogo Celso Aoki, do Projeto Caiová Nhambeve, uma entidade não governamental que há 15 anos atua na região, mais uma vez funcionários da Fundação repetiram os mesmos equívocos que acompanham a política indigenista brasileira: alocaram verbas e autorizaram contratação de um grupo de índios para trabalhar na construção, que, tradicionalmente seria feita em regime de mutirão, envolvendo toda a aldeia. A "ogapyssi" não ficou pronta, e os rituais começaram fora da casa sagrada.

— A decisão de apoiar o resgate da cultura, que está sendo reclamada pelos índios há muito tempo, está corretíssima. Mas, em vez de respeitar a tradição cultural, que nesse caso seria construir a "ogapyssi" em mutirão, alguém resolve pagar diária para os índios trabalharem, um sistema de produção que não tem nada a ver com a cultura que deve ser resgatada — questionou Aoki.